

A close-up, stylized illustration of Winston's face from the game Overwatch. He has a stern expression, with his blue eyes glowing. His white, spiky hair is visible at the top. He is wearing his signature white and blue armor, with red glowing elements on his visor and gauntlet. A red circular icon with a white shockwave symbol is centered over his forehead.

OVERWATCH 2

ONDAS DE CHOQUE



UM CONTO DE BRANDON EASTON

HISTÓRIA
BRANDON EASTON

EDITORIAL
CHLOE FRABONI

CONSULTORIA DE HISTÓRIA
MADI BUCKINGHAM

CONSULTORIA CRIATIVA
**JEFF CHAMBERLAIN, JUSTIN GROOT,
GAVIN JURGENS-FYHRIE, AARON KELLER,
MIRANDA MOYER, DION ROGERS, ARNOLD TSANG**

PRODUÇÃO
BRIANNE MESSINA

DESIGN
COREY PETERSCHMIDT

ILUSTRAÇÕES
VALENTINA REMENAR

CONCEITO ORIGINAL DE SOJOURN
ARNOLD TSANG

MODELO ORIGINAL DE SOJOURN
PAUL WARZECHA

MODELO DE ARMA ORIGINAL DE SOJOURN
KYLE RAU



Toronto, Ontário, Canadá

Cruzamento da Yonge Street e Eglinton Avenue Leste 10h05 EST

Sojourn despertou no meio do ar. Ela só ficou inconsciente por um milésimo de segundo, mas em um tiroteio isso poderia lhe custar a vida. Já tinha escutado diversas histórias sobre como a vida passa diante dos olhos em momentos como esse, mas Sojourn sabia que era mentira. Ela já havia estado em diversos campos de batalha, e sabia como a mente entrava em modo de autopreservação.

Sojourn foi com tudo no concreto. O impacto reverberou pelo seu corpo inteiro, enviando ondas de choque intensas dos pés à cabeça. *Isso é bom*, pensou ela. *Meu sistema nervoso está em ordem*. Em seguida, ela escutou o som de *algo quebrando* atrás do ouvido, e o sistema de comunicação embutido em seus implantes cibernéticos passou a transmitir estática de forma intermitente e palavras cheias de preocupação e alarme.

“Chase. É o Tremblay! Tá na escuta? Repito...”

A voz de Tremblay oscilava, e rapidamente desapareceu em uma explosão de estática. Isso podia significar duas coisas: o sistema de comunicação dela tinha sido danificado com as ondas de choque da explosão ou o Agente Tremblay e o centro de comando tinham sido atingidos. Nenhuma das opções era boa: ela

contava com as informações de Tremblay para ajudá-la a direcionar as defesas da cidade e a evacuar os civis.

Como que na hora certa, o sistema público de transmissão de emergência disparou pelas ruas. Uma voz calma porém autoritária falou à cidade:

“Todos os cidadãos, por favor, evacuem para o terminal portuário. Teremos navios para levá-los para um lugar seguro. Repito, todos os civis restantes, dirijam-se ao terminal portuário. Esta pode ser sua última chance de evacuar.”

Sojourn ficou de pé, ganhando tração e equilíbrio à medida que sua visão se desobstruía. Ela levantou o rifle à sua frente, com os olhos voltados para a mira no final do cano. A fumaça intensa e as chamas ascendentes que a cercavam confirmaram o pior: o Setor Nulo havia lançado uma enorme unidade de artilharia pesada no meio de um dos cruzamentos mais movimentados de Toronto... e havia atingido seu objetivo.

A guerra tinha sido instaurada nas ruas.

Apenas dez minutos antes, uma nave de comando do Setor Nulo havia descido de uma massa espessa de nuvens sobre a cidade. Em segundos, centenas de unidades do Setor Nulo surgiram em Midtown Toronto e nas partes do sul da cidade na frente da baía. A experiência de Sojourn com o Setor Nulo a preparou para as táticas de ataque rápido deles: sobrecarregam o alvo com números elevados enquanto esquadrões específicos atingem partes críticas da rede elétrica e centros de infraestrutura da segurança metropolitana. Apesar disso, ao contrário de seu último confronto com os invasores do Setor Nulo, esse ataque foi muito mais preciso, como se houvesse uma estratégia bem planejada por trás do conflito além da pura destruição. Desde o início do ataque, uma mensagem de propaganda vinha sendo transmitida, mas ela mal teve tempo para escutá-la.

Sojourn era uma estrategista militar, e ficou impressionada com a eficiência implacável do padrão de ataque do Setor Nulo. Esse pensamento logo desapareceu quando uma explosão enviou outra onda de poeira superaquecida e detritos em sua direção.

Sojourn se protegeu da explosão, fortalecida por seu corpo ciberneticamente reforçado.

Atrás dela, os esquadrões das Forças Armadas Canadenses e da Força-tarefa de Emergência — a unidade tática do Serviço da Polícia de Toronto — estavam avançando. Ela sabia que a onda de choque causaria muito mais danos aos soldados de carne e osso.

“Abaixem-se!”, Sojourn gritou enquanto as tropas se abaixavam. A maioria evitou a explosão, mas uns poucos azarados foram jogados aos céus como

confete, com seus corpos roçando os prédios bem cuidados do distrito comercial. Quando a fumaça se dissipou, Sojourn olhou para os rostos atônitos atrás dela. Em uma fração de segundo, diversos de seus amigos e aliados desapareceram da face da Terra.

A margem entre a vida e a morte.

Sojourn teve que tirar as tropas do choque emocional que sofreram pela perda instantânea. Se eles gatassem mais um instante pensando em seus companheiros, o ímpeto da batalha oscilaria a favor do Setor Nulo. O chão tremulava enquanto a unidade de artilharia se movia em sua direção, suas armas de canhão já se preparando para outra saraivada catastrófica.

“Se conseguirem ouvir minha voz, venham para cá”, gritou Sojourn, e a confiança inabalável em sua voz reacendeu o espírito de combate nas tropas. “Quem estiver com armas de pequeno calibre, mire na base daquela unidade de artilharia pesada. Os com armas de energia e explosivos potentes, alinhem-se dos dois lados da rua. Usem veículos abandonados como cobertura. Assim que estiverem seguros, concentrem-se nos canhões.”

Como o mecanismo de um relógio, as tropas do exército e os oficiais da Força-tarefa de Emergência se dividiram em uma formação de ataque urbano em perfeita sintonia. Sojourn olhou para a variedade de policiais e soldados antes de se lançar no teto de um ônibus inoperante.

“Vou criar uma distração”, disse Sojourn, saltando do teto do ônibus. Suas pernas cibernéticas continham aberturas de propulsão que a permitiam deslizar e pular mais rápido do que a maioria dos adversários conseguia acompanhar. Ela se jogou na velocidade enquanto deslizava, pulando sobre os escombros queimados de carros e caminhões civis.

Enquanto se movia, Sojourn disparou vários tiros de seu rifle de energia.

As explosões certas interromperam o avanço da unidade de artilharia. Seus braços de canhão acompanhavam os movimentos de Sojourn, mas sua rapidez tornava difícil travar a mira. Enquanto isso, oficiais e tropas disparavam sem parar contra a máquina, seu corpo balançando como uma lata numa tempestade de granizo. Sojourn disparou um tiro decisivo na estrutura central, e a unidade de artilharia explodiu em uma nuvem laranja de fumaça e chamas.

O cheiro ardente e inconfundível de metal queimado preencheu o nariz de Sojourn. Era um cheiro que ela tinha sentido pela primeira vez na Crise, mas que tinha persistido durante seu tempo na Overwatch. Ela voltou sua atenção para o sul pela Yonge Street, onde o centro financeiro e de lazer da cidade ficava às margens do lago Ontário. A região metropolitana de Toronto tinha mais de

10 milhões de habitantes; pelo menos várias centenas de milhares de pessoas podiam estar no centro da cidade por várias razões, e ninguém esperava a chegada de invasores depois do café da manhã.

Sojourn se concentrou no bombardeio de cápsulas do Setor Nulo marcadas contra o céu nublado — um banho mortal chovendo sobre a população. O dia iria se tornar um massacre se ela não contribuísse para a evacuação no terminal portuário no extremo sul da cidade. As autoridades cívicas tinham se organizado corretamente para deslocar os sobreviventes para os subúrbios do norte, onde havia mais espaço e uma cadeia montanhosa para servir de proteção contra um ataque terrestre.

No entanto, qualquer pessoa capturada ao sul da Eglinton Avenue tinha poucas chances de escapar.

Sojourn não tinha outra opção a não ser ir para o sul e forçar os evacuados em direção à segurança do porto, retomando a cidade do Setor Nulo, quarteirão por quarteirão.

Cruzamento da Yonge Street e da Gerrard Street Leste 18h46 EST

Sojourn e seus aliados demoraram horas para ir alguns quilômetros para o sul, em direção ao centro da cidade. Cada uma das cápsulas liberava diversos ômnicos de combate do Setor Nulo: combatentes e dilaceradores, que ela reconheceu de confrontos como parte da Overwatch, embora claramente tivessem recebido algumas melhorias. Mais unidades de artilharia pesada também surgiram da fumaça. Mas havia cápsulas maiores, mais distantes, que liberavam ômnicos que Sojourn nunca tinha sequer visto. Ela não tinha tempo para analisar as implicações dessa nova artilharia, não enquanto as versões mais antigas estavam causando estragos por todo lado.

Cada unidade do Setor Nulo tinha uma especialidade estratégica, e elas estavam sendo utilizadas ao máximo de sua programação. Combatentes formavam a primeira onda de invasores, mas ela estava focada em um dos inimigos mais recentes: uma espécie de unidade flutuante cuja mobilidade dificultava mirar na cabeça ou núcleo de energia.

SOJOURN NÃO TINHA OUTRA OPÇÃO A NÃO SER IR PARA O SUL E FORÇAR OS EVACUADOS EM DIREÇÃO À SEGURANÇA DO PORTO, RETOMANDO A CIDADE DO SETOR NULO, QUARTEIRÃO POR QUARTEIRÃO.

Os dilaceradores aprimorados se infiltraram em áreas menores, cortando as defesas básicas com seus feixes de plasma. Entretanto, eles pareciam insetos ao lado de outra unidade nova, um tanque enorme, fortemente blindado, com um chifre na cabeça parecido com de rinoceronte. Essas monstruosidades eram estranhamente velozes, apesar de suas estruturas robustas.

Os olhos cibernéticos de Sojourn permitiam que ela enxergasse muito mais longe do que um humano comum. No entanto, hoje ela xingou seus sentidos aguçados, pois isso trouxe maior clareza do espetáculo de derramamento de sangue. Os combatentes encurralaram os civis nos desfiladeiros estreitos de concreto do centro da cidade: a multidão estava muito frenética para correr ou resistir, virando presa fácil para os invasores. Os feixes de plasma dos dilaceradores rasgaram as barricadas de destroços ou veículos usados para retardar o avanço dos ômnicos. Sojourn teve que fechar os olhos quando um dilacerador abriu o caminho para que uma das unidades do tipo rinoceronte achatasse uma área onde civis em pânico se aglomeravam em vão.

As coisas estavam indo de mal a pior. Muito pior. O batalhão improvisado de soldados da FAC e oficiais da FTE de Sojourn havia se reduzido a uma força de menos de vinte. Teve um pensamento tenebroso: *começamos com mais de cem tropas.*

Já fazia tempo que ela não sentia falta dos velhos tempos na Overwatch, que não pensava naquela época com qualquer outro sentimento além de arrependimento. A nostalgia era um fardo, e não fazia sentido ser sentimental em relação às experiências do passado.

E não era isso que você queria, depois de tudo desmoronar? Ficar sozinha? Sojourn se perguntou com uma certa mágoa. No entanto, seria mentira dizer que ela não queria poder olhar por cima do ombro e ver Winston pulando com tudo

numa batalha, ou Jack, com sua atitude de não desistir nunca e sua perspicácia tática, sempre vigilante. Ela sentiu uma leve pontada no estômago, uma saudade. *Mas a Overwatch já não existia mais. E por um bom motivo.*

Um míssil de uma unidade de artilharia passou por cima da cabeça de Sojourn. A névoa do propelente químico fez seus olhos lacrimejarem, dando um basta nesse momento nostálgico inútil. O projétil foi com tudo para um café lotado, onde um grupo de civis havia se refugiado do tiroteio na rua. A explosão abalou o quarteirão inteiro, estilhaçando as janelas e fazendo chover vidro em suas tropas.

Sojourn não teve tempo de lamentar os mortos enquanto corria em direção a duas garotinhas paralisadas de medo perto de uma saída do metrô.

Corram!, pensou Sojourn. Ela saltou com toda sua força cibernética enquanto disparava inúmeros tiros contra as unidades do Setor Nulo nas proximidades. Depois de ter derrubado um combatente, ela pegou seu corpo para usar de escudo, aterrissando na frente das crianças com um milissegundo de sobra. A tempestade de vidro tocou o corpo do combatente ao mesmo tempo que Sojourn usou uma mão para esconder as crianças e a outra para equilibrar o corpo da unidade por cima delas.

“Cadê seus pais?”, indagou Sojourn.

Com os lábios trêmulos, a primeira garota falou enquanto agarrava a mão da irmã. “Estavam... lá dentro.”

A segunda garota apontou para a bola de fogo e a fumaça que restou do café. Sempre que ela tentava falar, uma enxurrada de gemidos dolorosos saía de seus pulmões.

Sojourn não fez nada além de puxar as duas garotas para junto de si. Não tinha palavras de encorajamento enquanto murmurava instruções à irmã mais velha para evitar as ruas expostas e seguir o caminho que ela estava abrindo para o sul. A menina assentiu, olhos distantes, enquanto enxugava as lágrimas.

Sojourn só conseguia fazer com que elas se sentissem seguras nesse momento, na esperança de que vivessem o suficiente para superar o trauma. Mas ela já tinha aprendido que a guerra deixa marcas em todos nós. Não importa quanto tempo você consiga sobreviver.

Cruzamento da Bay e da Wellington Street 22h18 EST

Quando o sol se pôs abaixo do horizonte repleto de fumaça, Sojourn acreditava ter feito algum estrago nas forças de invasão. Ela e seu grupo de aliados em rápido declínio tinham abatido pessoalmente centenas de unidades do Setor Nulo

SOJOURN SÓ CONSEGUIA FAZER COM QUE ELAS SE SENTISSEM SEGURAS NESSE MOMENTO, NA ESPERANÇA DE QUE VIVESSEM O SUFICIENTE PARA SUPERAR O TRAUMA. MAS ELA JÁ TINHA APRENDIDO QUE A GUERRA DEIXA MARCAS EM TODOS NÓS. NÃO IMPORTA QUANTO TEMPO VOCÊ CONSIGA SOBREVIVER.

em cerca de três horas. Enfim, eles tinham chegado à ponta inferior da Yonge Street, onde era possível ver as águas cristalinas e agitadas do lago Ontário em meio à grade de arranha-céus. Com a Yonge Street liberada, Sojourn e os outros fizeram um desvio brusco para o oeste na Wellington, passaram pelo Hockey Hall of Fame e os tribunais locais e chegaram ao centro comercial e de lazer de Toronto, na New Queen Street. Aqui os caminhos de concreto eram uma mistura irregular de vias confusas que levavam a ruas sem saída repletas de atrações turísticas.

A zona de morte perfeita para o inimigo.

Embora estivesse emocionalmente exausta, Sojourn tinha que ter certeza de que os civis poderiam ter uma chance de escapar. Como soldado, ela sabia o custo da guerra urbana: para cada pessoa que ela salvou, havia outros três que sucumbiram sem que ninguém os visse. Em um mundo de explosões de energia e robôs apáticos e sem senso de misericórdia, não havia algo como “à prova de balas”. As armas do Setor Nulo cortam através do concreto, vidro e aço como se fosse papel empapado.

Uma explosão descontrolada poderia cortar a eletricidade de um hospital, penetrar nas paredes de uma escola ou causar o colapso de um túnel do metrô durante a hora do rush. Em um caso de morbidez cósmica, havia uma infinidade de sofrimentos possíveis com uma invasão desse porte.

Cinco minutos haviam se passado desde seu último confronto com o Setor Nulo. Sojourn verificou o status do esquadrão restante. Embora ela não os conhecesse pessoalmente, eles tinham se unido bem rápido no campo de batalha.

Enquanto continuavam a marcha para o oeste ao longo da Wellington Street, Sojourn contava os corpos sob os escombros, as pegadas que se arrastavam para o que era agora um inferno, os edifícios destruídos onde muitos provavelmente sobreviveram e as tropas que ela não podia dispensar para resgatá-los.

Foi uma exposição do porquê da guerra ser algo verdadeiramente horrível. Não havia glória ali, só vidas inocentes exterminadas por um conflito que ainda não conseguiam entender. Sojourn pensou na sua cadela, Murphy, deixada na segurança de seu apartamento fortificado. Ainda ontem ela estava sem paciência para os passeios noturnos, mas agora ela faria de tudo para ouvir o choramingo na porta.

Ontem poderia muito bem ter sido há uma década. Essa já não era mais a Toronto que ela amava e protegia. Era agora um cemitério gigantesco cavado por mãos frias e metálicas. Não muito diferente das suas próprias mãos cibernéticas. Ela se lembrou dos dias mais sombrios da Crise, quando Toronto quase se tornara uma vala comum e espessas colunas de fumaça preta refletiam na superfície do lago Ontário. Ela piscou várias vezes para apagar esse déjà vu horrível sobrepondo-se a essa nova cena de destruição.

WHOOM!

Cinco unidades de artilharia pousaram sobre as estruturas queimadas de ônibus e de antigas empresas. As unidades lançaram ao mesmo tempo uma enorme quantidade de mísseis que destruíram ruas e prédios como um relâmpago. O tribunal próximo entrou em erupção, com material de escritório e roupas queimadas sendo lançados para o céu como um desfile de boas-vindas.

A maioria do esquadrão restante foi destruída pelo ataque; o resto foi separado pela onda de detritos tóxicos. Os olhos de Sojourn não conseguiam parar quietos sobre a carnificina ardente que a cercava, seu estômago revoltado com aflição — ela arrancou palavras do fundo da garganta queimada, gritando na nuvem de fogo alaranjada e negra que pinicava seus olhos.

“Todos os sobreviventes, continuem indo para o sul até o terminal portuário. Usem a calada da noite como um refúgio até o nascer do sol. Protejam os civis que encontrarem pelo caminho! Se for possível reagrupar, venham em direção ao som da minha voz.”

Sojourn esperou um pouco, porém a única coisa que a encontrou foi o

ruído de unidades impiedosas do Setor Nulo ao longe.

Sojourn prestou sua homenagem em silêncio aos mortos antes de descer pela entrada exposta de um túnel do metrô.

Spadina Avenue no Lake Shore Boulevard Oeste 9h48 EST

À medida que o nascer do sol iluminava a paisagem devastada, pequenos feixes de luz eram projetados através do túnel. Sojourn saiu por uma escotilha para o Harbourfront Centre — uma estância balneária com tudo o que um turista sofisticado poderia desejar. Lindas vistas do lago Ontário, da CN Tower, um complexo portuário que conecta o extenso sistema de balsas com a melhor gastronomia da província. Seus olhos cansados examinaram a área imediata em busca de inimigos, mas ela só conseguia ver fumaça preta.

Sua costumeira reserva de autoconfiança e atenção estava quase esgotada. Ela tinha feito o melhor que podia, dadas as circunstâncias. Estava sem contato com Tremblay. Ela havia conduzido uma expedição condenada sob o pretexto de salvar vidas. Agora estava à beira de sua amada cidade, vendo-a arder sob a proteção efêmera do isolamento. Mais cápsulas do Setor Nulo caíram do céu como chumbo derretido, rasgando prédios e cravando enormes crateras na paisagem.

Até mesmo o soldado mais casca-grossa ficaria em choque com as implicações para a população civil despreparada.

Graças aos seus aprimoramentos, ela certamente conseguiria lutar por mais algumas horas se necessário, mas sobraria algo para defender? Não havia mais ninguém vindo para salvar Toronto: ela tinha observado aviões de caça serem abatidos no céu, viu as forças militares e policiais canadenses serem sobrepujadas. E era só questão de tempo até que aqueles que permaneceram sucumbissem às intermináveis hordas de invasores do Setor Nulo.

“Socorro! Alguém me ajude! Por favor! Socorro!”

Os pensamentos de indecisão e arrependimento desapareceram da mente de Sojourn. Ela girou nos calcanhares e elevou o rifle com extrema precisão. Do outro lado do quarteirão havia um ômnico vestido com um uniforme de restaurante de fast-food sendo perseguido por um combatente em direção a um beco estreito. O combatente estava muito longe. Mesmo assim, ela fez alguns disparos de advertência na direção deles para que o combatente ignorasse o ômnico inocente.

Estranhamente, o combatente atirou de qualquer jeito sobre os ombros como se o ataque de Sojourn fosse um mero contratempo e permaneceu com os olhos

ELA HAVIA CONDUZIDO UMA EXPEDIÇÃO CONDENADA SOB O PRETEXTO DE SALVAR VIDAS. AGORA ESTAVA À BEIRA DE SUA AMADA CIDADE, VENDO-A ARDER SOB A PROTEÇÃO EFÊMERA DO ISOLAMENTO.

no alvo. Sojourn correu na direção deles, atirando sem parar, na esperança de chegar perto o suficiente para que os disparos de seu rifle derrubassem o atacante. O combatente agarrou o ômnico pelo pescoço e o arrastou para o beco ao som de gritos e chutes. Lá, os gritos de terror cessaram na hora.

Ao chegar no beco, Sojourn entrou com muito cuidado pela lateral do edifício para não virar presa fácil. Sojourn arregalou os olhos ao entrar no beco — pronta para detonar o combatente —, mas ele estava vazio. Ela nunca tinha encontrado uma unidade do Setor Nulo que sequestrasse ômnicos comuns. Não havia lógica para algo do tipo, a menos que o Setor Nulo tivesse decidido do nada fazer reféns.

Ela examinou o beco com cuidado, mas não havia nada exceto uma entrada aberta para o esgoto e o cheiro de mil coisas horríveis.

O estalido do sistema de comunicação de Sojourn deu uma sacudida na sua consciência. “Alô? É a Sojourn. Por favor, responda.”

“Chase! É o Tremblay... Que ótimo ouvir a sua voz. Temos tentado recuperar o sistema de comunicação desde que perdemos contato. Houve interferência intencional em todas as nossas frequências militares, mas modificamos o sinal até que encontramos um canal desobstruído.”

“Relatório de danos? A sua equipe está bem?”, perguntou Sojourn, e o alívio em sua voz era impossível de disfarçar.

“Bem é um termo relativo, mas o centro de comandos está inteiro. Cadê você? Algumas tropas sobreviventes conseguiram ir para Harbourfront. As pessoas estão embarcando nas balsas e partirão em breve, mas ordenamos que todos os barcos

disponíveis ali continuem a evacuar todos os indivíduos apanhados no centro da cidade.”

O alerta de evacuação voltou a soar, em um circuito de milhares de alto-falantes escondidos em toda a área metropolitana.

Sojourn suspirou para dentro. Apesar das incríveis perdas nas ruas de Toronto, seu grupo de guerreiros desorganizado havia aberto um caminho para o sul em direção à zona portuária e dado tempo ao governo para evacuar os civis.

BING! BING!

Sojourn reconheceu o som da madeira batendo no metal, especificamente tacos de beisebol contra armaduras do Setor Nulo. Ela se voltou para ver um ômnico e uma mulher humana lutando contra os combatentes e uma unidade de artilharia avançada. Concluiu que esses dois sabiam que tinham poucas chances de vencer nessas condições, mas mesmo assim lutariam até que o inevitável acontecesse.

A dupla agora estava cercada enquanto combatentes arrastavam outros ômnicos próximos para um destino desconhecido. Sojourn lembrou de seus dias de luta ao lado de Jack como recruta na Overwatch. Ela tinha visto a rapidez com que as pessoas se tornavam vítimas, mas, naquele momento, Sojourn não viu *vítima* alguma. Viu pessoas dispostas a lutar por sua liberdade e segurança. Apesar das chamadas e do número crescente de vítimas e da fadiga, os soldados, policiais e trabalhadores de emergência que a seguiram jamais pararam.

Sojourn pensou nas duas meninas, que sem dúvida haviam perdido os pais naquele café. Por trás do medo em seus olhos, ela percebeu algo mais em suas mãos unidas. Algo intangível que só os guerreiros reconhecem: *coragem*.

Ela tinha visto pessoas desistirem logo de cara em situações menos complicadas na primeira Crise Ômnica.

Pessoas fugiram, se renderam e morreram encurraladas pelo medo.

Dessa vez, ela viu humanos e ômnicos lutando lado a lado em defesa da cidade. O lar deles. O lar *dela*. Toronto.

Sojourn disparou uma saraivada precisa de explosivos de seu rifle contra os invasores do Setor Nulo. Ela sentiu uma profunda satisfação quando seus tiros derrubaram o inimigo e deram à humana e ao ômnico uma chance de fugir. Uma oportunidade para lutar mais um dia.

FOOOOOOOOM! Sojourn reconheceu o som do apito de partida de uma balsa e virou para ver o primeiro lote de civis sendo evacuado para a segurança do lago Ontário. A imagem dos conveses superlotados com multidões de humanos apoiados nas grades a lembraram de um cruzeiro embarcando para uma costa

ensolarada. Exceto que não havia praias nem coquetéis do outro lado da baía — tudo isso era só para sobreviver.

O cansaço e a fadiga que assolaram Sojourn em sua fuga pelo túnel do metrô já haviam desaparecido há tempos. Em seu lugar estavam a confiança e o orgulho, e uma raiva ardente que a incitava a avançar. Foi o suficiente para mantê-la viva.

Ela lutaria até o fim, mesmo que fosse a última de pé.